

Dia de início de ano | 26 de setembro de 2020

Vê-se só o que se admira



COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

Vê-se só o que se admira

*Dia de início de ano dos adultos
e dos estudantes universitários
de Comunhão e Libertação
Por videoconferência, 26 de setembro de 2020*

COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione
para o texto de Julián Carrón
© 2020 Fondazione Meeting per l'amicizia fra i popoli
para o texto da entrevista de Fernando de Haro com Mikel Azurmendi

Tradução do italiano: Cláudio Cruz

Na capa: William Congdon, *Virgo Potens*, 1985
Óleo sobre madeira cm 90x75

© The William G. Congdon Foundation, Milão – Itália
www.congdonfoundation.com

*Dia de início de ano
Por videoconferência, 26 de setembro de 2020*

Introdução de Julián Carrón

Deus não pode fazer nada sem uma abertura nossa, sem uma disponibilidade nossa. Começemos, pois, este gesto pedindo-a ao Espírito, pedindo que leve a bom termo a disponibilidade que nos trouxe hoje a participar deste momento juntos, embora na distância física.

Oh! vinde, Espírito Criador

Estamos no meio da travessia de uma situação cuja duração ainda não podemos prever. Quantas vezes, nos meses passados, fomos obrigados a rever nossas previsões, a levar em conta os dados que nos mostravam nosso erro de perspectiva! Então é razoável termos certa apreensão com a «incerteza» de que Mario Draghi falou no Meeting.

O noticiário está cheio de novas incógnitas – aqui na Itália, de onde falamos, e em toda parte –. Pensemos na questão da escola e da universidade, na situação econômica e nas repercussões que terá sobre o desemprego e a manutenção das empresas. Quanto à Covid, o fato de, como ressaltam os virologistas, poderem ocorrer reinfecções – como também se dá com outras doenças infecciosas –, «lança uma sombra sobre a eficácia das

vacinas». Ou seja, não podemos nem confiar no poder resolutivo de uma vacina. Não estamos protegidos, seguimos expostos ao risco do contágio.

Unem-se a este panorama outros fenômenos, talvez ainda mais preocupantes. Há a violência gratuita que domina os noticiários, uma violência terrível, que faz refletir. E há uma incapacidade cada vez mais difundida de reconhecer o que acontece – mesmo quando se trata de uma realidade evidente como a Covid –, que leva ao negacionismo mais irrazoável em sociedades ditas evoluídas.

Todos estes são sintomas de uma *causa obscura*, que nos devora por dentro e, justamente por isso, nos deixa cada vez mais inermes, incapazes de reação, de resposta eficaz: assim ela pode continuar seu trabalho de destruição no profundo de nós, como um vírus, enfraquecendo ainda mais um eu já bastante fraco. Há quem comece a ter a coragem de chamá-la (essa “causa obscura”) com seu nome: *niilismo*, uma espécie de «intimidade com o nada» – como escreveu recentemente o vice-diretor do *Corriere della Sera*, Antonio Polito –; é um niilismo que «perdeu a força intelectual de bater-se contra os valores, é menos ambicioso, geralmente tem a face de uma “vida normal” [...]. É descartável».¹

O *medo* profundo que nos assalta com cada vez mais força é o principal de seus sintomas. A confirmação mais evidente desse niilismo que se espalha cada vez mais são, paradoxalmente, justamente os seus negacionistas – os “negacionistas do nada” –, incapazes, como os negacionistas da Covid, de permanecer diante da

¹ A. Polito, “La violenza nichilista tra i giovani”, *Corriere della Sera*, 17 de setembro de 2020.

realidade pelo medo louco de olhar esse medo de frente. E é pela graça que nos aconteceu que nós podemos ousar olhar para ele.

Perante esta situação, temos de decidir entre a tentativa de atacar os sintomas, como quem tenta resolver o problema propondo controlar o medo, e o compromisso em ir à origem deles, para desmascarar-lhes a proveniência e então neutralizar-lhes o poder.

Com sua desfaçatez, os jovens provocam-nos sempre, impedindo que nos contentemos com respostas insuficientes. «Há em todos eles – escreveu um professor – a desconcertante fome de sentido [que responda ao seu vazio] que neste verão uma aluna me jogou na cara: “Professor, é preciso haver alguém que comunique a nós, jovens, o sentido da vida, o gosto pelo dia a dia”. E acrescentou: “É preciso alguém que mostre que é possível não ter medo das exigências de sentido, de felicidade!».

Pedidos desse tipo fazem-nos entender o drama em ato: é uma luta entre o ser e o nada, entre o gosto pelo dia a dia e o vazio que nos agarra por dentro. Se não o tomarmos a peito, nós é que seremos as próximas vítimas, se é que já não o somos, desse niilismo desenfreado.

Para descrever em termos sintéticos a natureza dessa luta entre o ser e o nada, temos usado uma expressão de Nietzsche, que representa uma consequência extrema do *seu* niilismo: «Não há fatos, apenas interpretações».² A repercussão dessa posição em nós é que oscilamos entre mil e uma interpretações, sem sabermos distinguir

² Cf. F. Nietzsche, *Fragmentos Póstumos 1885-1887*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, v. 6.

qual delas acolhe lealmente os fatos e se submete à autoridade da experiência. Nenhum fato nos “toma” a ponto de nos fazer sair da equivalência das interpretações. Tudo parece igual.

Há algo capaz de desafiar este axioma: «Não há fatos, apenas interpretações»? Há fatos capazes de desafiar a avalanche indistinta de interpretações, em que todas são iguais, pela qual somos soterrados nesta sociedade da “informação”? Onde é que aquela aluna ou cada um de nós pode achar algum indício que permita reconhecer a vitória do ser sobre o nada?

Como venho repetindo nestes meses em diversas ocasiões, o caso mais emblemático é o do cego de nascença curado por Jesus – sempre me lembro dele.

Ora, o que se dá com o cego de nascença que ganha a vista é um evento. «Antes não via e agora vejo»,³ como repete sem parar. Mal ocorreu o fato, já se desencadearam todas as interpretações possíveis e imagináveis, da família, dos vizinhos, dos fariseus. É impressionante que, depois do milagre, Jesus não tenha tido medo de deixá-lo sozinho no meio do tiroteio dessas interpretações! Mas o cego não se confundiu nem por um segundo, não teve a menor dúvida acerca do fato que lhe acontecera, não sofreu nem um arranhão das interpretações que não respeitavam o evento.

Mas, atenção: o cego de nascença não se alinha de imediato com Jesus. Em primeiro lugar adere à realidade, alinha-se com o fato, é leal com o evento: «Antes não via e agora vejo». É esta evidência da verdade o que encontra espaço nele, o que resplandece nele – «antes não via e agora vejo» –, o que o faz depois alinhar-se

³ Cf. Jo 9,25.

com Jesus. Mas essa escolha do cego de nascença não é ideológica, não é uma tomada de partido, pois é o reconhecimento da evidência de enxergar o que o leva a reconhecê-Lo. O cego curado não é um maníaco intransigente que quer impor sua interpretação, é o único que não pisa o fato (agora enxerga e isso se deu por causa daquele homem chamado Jesus), um fato que todos os demais querem negar para imporem sua ideologia sobre a evidência da realidade. A ideologia é a interpretação que elimina os fatos em virtude de preconceitos, de algo a defender.

Em *O brilho dos olhos*,⁴ busquei oferecer uma hipótese de resposta ao niilismo que hoje transborda por todos os lados.

Todos fomos chamados a fazer a verificação dessa hipótese. Durante o verão, nos gestos de que, de um jeito ou de outro, participamos, na fala de uma pessoa ou de outra, em seu jeito de estar na realidade, pudemos ver o ser ou o nada vencer, o gosto pelo dia a dia ou o vazio vencer. Cada um de nós pôde verificar o que é que aquilo que víamos e escutávamos produziu em nós, o que é que nos fez saltar, o que é que nos despertou, tirando-nos do nada, e o que é que, pelo contrário, não deixou rastros em nós, deixando-nos vazios como antes. Podemos discutir sobre isto ou aquilo, mas a diferença entre uma coisa e outra é evidente: quando estamos diante de algo que é capaz de mudar a vida (como mudou a do cego de nascença), não há comparação possível.

Neste verão nos foi oferecido um testemunho excepcional, devido à autoconsciência que expressa e à

⁴ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?* Fraternidade de Comunhão e Libertação, 2020.

consciência dos passos que normalmente podem passar despercebidos. Trata-se do testemunho de Mikel Azurmendi, entrevistado por Fernando de Haro para o Meeting de Rímni. Desde que o escutei, fiquei com vontade de revê-lo junto com todos vocês, de indicá-lo a todos, de dividi-lo com todos. Que ocasião melhor do que o Dia de Início de Ano?

O mais marcante dessa entrevista, que alguns de vocês já devem ter visto, é a naturalidade com que Azurmendi conta o percurso que realizou desde que deparou com um fato simples, uma contingência muito específica: um programa de rádio de um jornalista desconhecido, escutado durante o amanhecer de um leito de hospital. Impressiona a lealdade com que um homem que ultrapassou os setenta anos, um grande sociólogo, acolheu aquele primeiro contragolpe, que pôs em marcha o processo que daqui a pouco vamos ouvir descrito por ele mesmo. Parece-me uma documentação de como, nestes tempos em que o niilismo avança, uma pessoa possa dar-se conta – quando acontece – de uma diversidade de experiência, daquilo que não é niilismo, e possa admirar-se ao derrotá-lo simplesmente seguindo a primeira evidência, por mais sutil que seja, dessa diversidade. Bastou essa brecha para romper a barragem.

Foi um imprevisto. Azurmendi descreve-o assim: «Não esperava encontrar nada disso na minha vida. Foi uma surpresa tremenda. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreso, disse a mim mesmo que valia a pena escutar, e pouco a pouco entrei num estado emocional de admiração. [...] A admiração é um movimento que te leva a identificar-se com o que mais estima, porque você não esperava».

Foi a admiração que ditou o método do caminho feito por Azurmendi, que pode ser resumido no título deste Dia de Início de Ano: «Vê-se só o que se admira». Seguir essa admiração por um jornalista desconhecido que falava na rádio e depois por muitas outras pessoas encontradas depois dele, levou-o a pôr em discussão o dogma da sociologia, segundo o qual não se pode estabelecer uma comunhão com o objeto de estudo, pois se viola a lei da neutralidade do observador – que deve ser respeitada para conhecermos –. Azurmendi teve de se libertar progressivamente de todos aqueles filtros, de todas aquelas viseiras que seu ofício de professor o fizera acumular. «Dizia-me: “Eu tinha isto em mãos, porque não o olhava? Isto precisa ser explicado”». Vê-se só o que se admira. Você vê – percebe de verdade, olha, entende – só aquilo que te marca («affici aliqua re»), te atrai, te pega. O olho só se abre quando acontece um determinado encontro.

Para explicar o que ele viu, escreveu *O abraço*,⁵ que será o próximo livro do mês [na Itália]: «Meu problema ao escrever esse livro é que eu queria mostrar que o que via me suscitava surpresa e muita emoção. Mas também queria mostrar por que é que eu não vi isso». O vídeo que veremos em breve e o livro *O abraço* mostram-nos uma testemunha fiável, que nos ajuda a entender por que nós não vemos – como ele não via antes de um determinado encontro – e vamos parar no nada, como ele fora parar no nada da ideologia.

Na sua idade e com a sua história, ele se fez *disponível* a olhar (das escolas à caritativa, das famílias aos gru-

⁵ M. Azurmendi, *L'Abbraccio. Verso una cultura dell'incontro*. Mi-lão: Bur, 2020.

pos de Fraternidade) para tentar estabelecer «os nexos causais e temporais do meu maravilhamento» – disse – e tirar as consequências. Deu-se conta, assim, de tudo o que estava na frente dos seus olhos e ele não via.

«Essa vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida dessa gente, a entrega dessa gente, a alegria dessa gente, esse estilo de vida como é possível?», perguntou-se Azurmendi. E acrescenta: «Você pode ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como clarões, mas depois dão passos para trás». Por isso conclui: «Há uma só explicação deste fato: que o que te dizem seja verdade, que a verdade seja realmente verdade em ação. [...] A verdade produz vida. Esse estilo de vida é produzido por algo: dizem que é Jesus Cristo. [...] Essas pessoas são aqueles que O estão seguindo. E então você soma dois mais dois e diz: “Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio”. Em Deus eu não teria acreditado. [...] Há um momento em que você é obrigado a perguntar-se: “Como podem errar todos juntos ao mesmo tempo?” Também os inimigos sabiam... E não O conheciam. João e André andavam com Ele, mas não O conheciam».

Portanto, vamos assistir a ele e escutá-lo juntos.

O ABRAÇO

Transcrição da [entrevista televisiva com Mikel Azurmendi](#), realizada por Fernando de Haro para o Meeting 2020 Special Edition, em ocasião da publicação do livro *L'Abbraccio* pela BUR Rizzoli.



Fernando de Haro. *Azurmendi, Mikel!*

Mikel Azurmendi. Fernando, tudo bem?!

– *Depois de tanto tempo, depois de tanto tempo, finalmente!*

– O que me conta? Nem abraço nem nada.

– *O abraço é este aqui. Um abraço não pode ser.*

– Como está?

– *Bem, feliz por estar aqui, você mantém tudo muito bem cuidado.*

– É o trabalho, é importante o trabalho.

– *Esta é uma horta.*

– É uma pequena, que fica perto de casa. Tenho outra, com os tomates. Se quiser vê-los, vamos vê-los à tarde, fica do outro lado da estrada.

– *Vamos falar de O abraço?*

– Vamos.

– *Vamos falar das primeiras páginas... as primeiras páginas desse livro quase poderiam ser escutadas, mais do que lidas.*

– Sim, são para escutar...

[Fernando de Haro toca no celular a gravação de um trecho de um programa na rádio:]

– *Para terminar escolho uma foto que aparece nas páginas internas da Vanguardia.*

– Esse é o jornalista Fernando de Haro, na Cope, das 6h30 da manhã, logo antes de acabar, às 8h20.

[A gravação continua:] «...e diante da parede uma mulher negra, vestida com uma jaqueta preta. A mulher se chama Rita, cobre seu rosto com as mãos...»

– *Onde você estava quando ouviu isso?*

– Na cozinha. De manhã me levanto às 6h ou às 6h30, e aos sábados e domingos escuto esse jornalista que mais tarde vejo que se chama Fernando de Haro. E não sei quem é.

– *Não nos conhecíamos na época.*

– Não nos conhecíamos, eu tinha te ouvido no hospital. Eu estava no hospital...

– *Por que estava no hospital?*

– É uma longa história, de 2014, faz seis anos. Eu sofro de artrite nas mãos..., por isso trabalho... para não ficarem fracas... e me recomendaram algumas injeções, seis injeções. Na quarta tive um colapso. Essas injeções não deviam ser usadas sem um controle dos pulmões a cada punção, e eu tinha feito quatro. Não conseguia andar, não podia vir até aqui... era 7 de julho e decidi ir ao hospital para morrer. E disse a meu filho (agora meu filho não está aqui, mas na época estava): «Leve-me ao hospital, vou morrer», e lhe fiz um resumo da situação: «Não devo nada a ninguém, a casa está paga». No hospital lhe disseram por quatro noites seguidas que eu não ia aguentar aquela noite. Mas eu aguentei. Queria morrer e fiz bastante para morrer. No hospital eu tinha esse celular, vou mostrar... e te escutei um sábado de manhã, dormia pouquíssimo. Agora durmo um pouco mais. Escutei e disse: isso me interessa. E todo sábado e domingo, de 2014 a 2017, te escutei, todos os sábados e domingos. Conheço bem a sua opinião. Sei o que

pensa da realidade, das notícias acerca da realidade, e o que pensa de si mesmo dando as notícias sobre a realidade. São três aspectos fundamentais. Tudo isso me interessava, e eu continuava a escutá-lo. Escutava na cozinha, onde tenho um rádio pequeno.

– *O livro começa com algumas daquelas fotos que eu comentava...*

– Assim eu comecei...

– *Por isso você começou o livro assim...*

– Comecei assim, mas quando você começa de um jeito não sabe por que o faz assim... ou talvez sim, de qualquer forma me custou muito começar a escrita do livro. Eu tinha tomado notas por um ano e meio, e decidi escrever um livro sobre essa tribo tão especial. Não esperava encontrar nada disso na minha vida. Foi uma surpresa tremenda. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreso, disse a mim mesmo que valia a pena escutar, e pouco a pouco entrei num estado emocional de admiração.

– *Antes de me explicar a admiração, por que não me mostra a outra horta?*

– Vamos vê-la.

A surpresa de uma pessoa, esse fato surpreendente, que encontra algo ou alguém, ou um livro... e quando vê que poderia ser interessante para ela, vira admiração. A admiração é um movimento que te leva a identificar-se com o que mais estima, porque você não esperava. É o inesperado. Há milhares de escritos sobre isso. A admiração é o que te leva a estar de acordo com o que encontrou, porque você quer ser aquilo, quer ser aquela coisa lá.

– *O mais surpreendente do livro é que você, que sempre foi sociólogo, antropólogo, que fez grandes estudos...*

– Sim.

– *Lembre-se de El Ejido, os imigrantes, etc... Aqui você muda o método. O dogma da sociologia é que não se pode estabelecer uma comunhão com o objeto que se estuda. Já você, a certa altura, talvez pela admiração, viola a neutralidade do observador.*

– Exatamente. A sociologia, de Durkheim e Weber, diz que em relação ao homem é preciso posicionar-se cientificamente, quantificar e objetivar o mais possível; o máximo é a quantificação. É por isso que se desenvolveu tanto a estatística, só por isso. É acreditar... é a convicção, compartilhada por Durkheim e por outros, de que explicar o homem é a mesma coisa que explicar um mineral, de que os fatos do homem são da mesma categoria dos fatos do mundo, dos fatos sociais. Eu decidi explicar absolutamente o que estava acontecendo diante de um olhar atônito. Todos os outros não querem ver o que acontece. Dizia-me: «Eu tinha isto em mãos, porque não o olhava? Isto precisa ser explicado». Qualquer sociólogo tem de explicar por que num determinado momento olhou para isso, quando o tinha na sua frente todos os dias. Você só pode olhá-lo quando o admira, quando crê que ali há algo de bom para si. O homem sempre tem um interesse quando olha, e assim também o sociólogo. O sociólogo olha para ver o que quer ver. O que decidi fazer, isto é o livro *O abraço*, foi estabelecer os nexos causais e temporais do meu maravilhamento. Comecei por você porque foi a explosão, como o cavalo de Saulo. A queda do cavalo, ou o manto de São Martinho, que dá ao pobre... Há uma “queda do cavalo”, que é escutar uma coisa. É um encontro com você, sem uma pessoa intermediária, com a sua voz... pode ser um livro, pode ser qualquer coisa. Eu disse: «Gosto disso, gostaria de ter essa opinião diante das coisas que acontecem, por que não tenho?»

- *Começa a fazer uma comparação.*
- Comecei a dizer: «Por que eu não tenho essa opinião?», e então comecei a recompor o meu eu e a identificar quais são os limites do meu eu, o ponto de onde vou olhar para você e escutá-lo. Isso, um sociólogo nunca vai fazer. Um sociólogo é branco de manhã e preto à tarde, e amanhã de manhã amarelo, e à tarde vermelho. Pode mudar. Veja o nosso presidente...
- *Há mais uma coisa que me chamou a atenção no seu livro, porque quebra certa inércia. O livro é cheio de nomes, primeiro eu, depois Javier Prades, depois Macario. São histórias particulares, das quais você extrai um conhecimento.*
- São encontros, são encontros...
- *Mas o Iluminismo diz o contrário: para alcançar um conhecimento, é preciso ir ao universal, e você vai ao particular.*
- Por que precisa ir ao universal?! O universal é uma ficção. Não há um universal em nenhum lugar. Não existe. Você pode formular hipóteses que derivam de experiências que teve. Mas são imagens. Eu fui identificando os nexos causais e temporais do meu maravilhamento. Meu objeto seguinte de espanto foi Prades. Prades foi uma pessoa a quem escrevi depois de oito anos em que me mandava um cartão de felicitações todo Natal, porque tínhamos nos encontrado em 2002 em Madri numa mesa redonda sobre imigração e multiculturalismo. Ele me escrevia e eu nunca respondi, nunca! Depois da minha doença, [eu me propus] fazer o bem que ainda podia fazer, e a primeira coisa que fiz foi escrever-lhe, lhe escrevi pedindo perdão: «Eu não te escrevi por oito anos, nunca respondi aos seus cartões, peço perdão». Ele me respondeu que passaria por

San Sebastián e que poderíamos nos encontrar. Pode parecer banal, mas conversamos sobre o Iluminismo. Tínhamos um ponto de vista convergente, mesmo partindo de ângulos diferentes, ele do lado do conhecimento, eu do da ética. Fui professor de ética por muitos anos na universidade, até que passei para a antropologia. Com Prades, você encontra uma pessoa que te escuta, que te pergunta... que te surpreende e que por sua vez fica surpresa, surpresa com o fato de você precisar falar com ele; fica surpreso por você olhá-lo, e isso te surpreende ainda mais. Ele tem um olhar que vai entrando em você e te acalmando. Convidou-me a ir a Madri para um encontro, e eu disse a minha namorada (ainda não era casado), Irene: «Eu não vou». E ela: «Mas você lhe disse que vai». Era verdade, eu lhe tinha dito que sim... Queria me reconciliar com aquele homem que me olhava de maneira especial, que me entendia e me escutava. E fui ao EncuentroMadrid. Para ir tive de vencer algo em mim, o que eu tinha a ver com os cristãos?

– *E chega lá, e diz que parecia a Festa da Humanidade que tinha visto em Paris.*

– Sim, lembrou-me a *Fête de l'humain*, a Festa da Humanidade... Eu morei em Paris por nove anos, antes tinha trabalhado um ano numa fábrica. Eu estive na Festa da Humanidade de 1970 porque me definia como marxista. Nunca fui do Partido Comunista, mas era próximo dele. Era o ano do processo de Burgos, e os Partidos Comunistas da Espanha e da França tinham se espalhado por toda a Europa. Participei de um encontro na Suíça e um na Bélgica, organizados pelo Partido Comunista. Eu vi o que era o comunismo e nunca simpatizei com aquele partido. E no EncuentroMadrid encontrei a humanida-

de mesma; não a Festa da Humanidade; encontrei gente humana, encontrei pessoas que sorriam, que iam e vinham em silêncio, que se cumprimentam, se abraçam, te escutam, te perguntam. Crianças que corriam por aí... Sorrisos, alegria... Fiquei boquiaberto. Jamais imaginaria uma coisa parecida.

– *Eu, quando comecei a escutar a sua crítica ao Iluminismo no EncuentroMadrid, fiquei boquiaberto. Esse homem, que tem na cabeça toda a filosofia moderna e contemporânea, fez uma crítica ao Iluminismo que pouca gente na Espanha é capaz de fazer.*

– É o que eu tinha conversado com Prades. Ele tinha me dito: «O que você pensa, diga!»



– Esta é a praia de Ondarreta, que é uma prolongação da La Concha. As duas são divididas por uma rocha chamada Pico del Loro, ali fica o palácio onde nasceu e viveu o Rei João Carlos. Este é o núcleo inicial de San Sebastián. No século XI existia só isso, e havia um convento.

– *Este é o seu bairro, Ondarreta?*

– É o meu bairro. Nasci mais para cima, na Cuesta de Igueldo. Meu pai tinha aqui a carvoaria. Aqui ficava o presídio de Ondarreta.

– *Você entrou no seminário, e com 22 anos te expulsaram ou você foi embora?*

– Expulsaram-me, eu tinha 21 anos. Foram seis expulsos, cinco mais um outro que veio embora conosco voluntariamente. Mandaram-nos embora sem nenhuma explicação, e eu fui perguntar por que tinham me mandado embora. E sabe por quê?

– *Por quê?*

– Disseram-me: «Você disse que todos os padres têm de saber falar basco». Eu respondi que sim, e «se não disse, é o que penso». Esta foi a razão.

– *O que era para você o cristianismo naquele momento? Algo conceitual, doutrinal, piedoso?*

– Alguma coisa entre o mítico e o doutrinal, o lado sacramental era mítico, e tudo era um conjunto de regras e confissão, e nada mais. Minha preocupação era a justiça. O que é a justiça? Por que não há justiça? Era a época de Franco, ano de 1962 ou '63.

– *Você entrou para o ETA em '65, o ano em que eu nasci.*

– Sim, antes eu tinha trabalhado por dois anos numa fábrica. Quando me expulsaram do seminário, o que queria fazer era o que vocês chamam de «verificação da hipótese». E o fiz. Minha hipótese era que fosse necessária a justiça social, e que isso era impossível sob o regime em que vivíamos. Eu queria ver como era em outros regimes, no mundo do trabalho. Fui para a Alemanha e para Paris trabalhar na Hutchinson. E em Paris ocorreu uma coisa alucinante, encontrei uma pessoa extraordinária (encontrei três, mas uma era extraordinária) do ETA. Ela tinha fugido para a França depois de um roubo, mas estava decidida a voltar. Fez com que eu lesse Ho Chi Minh, Truong Chinh, Che Guevara... Fiquei fascinado por aquele rapaz. Um encontro surpreendente. Eu tinha ido a Paris para estudar, tinha falado com o reitor, não havia problemas, eu estava prestes a me inscrever, mas bem quando estava prestes a fazê-lo os amigos do ETA me disseram para voltar a estudar na Espanha, eu estava começando a simpatizar com as ideias deles...

– *E a famosa votação... Julen Madariaga era seu chefe?*

– Cheguei aqui e o chefe do ETA, Paxti Iturrioz, me mandou trabalhar em Pasajes no verão para construir

uma célula sindical. Trabalhei o verão todo como carregador. Nasceu uma certa amizade com Paxti Iturrioz. E naquele outono de 1966, veio alguém de fora, Julen Madariaga, reuniu todos nós de San Sebastián e nos disse que Paxti Iturrioz deveria ser morto aquela noite. Estabelecemos uma votação e ele conseguiu dois votos. Pôs o revólver na mesa e disse: «Temos de matá-lo esta noite». Todos estávamos com um nó na garganta. Tínhamos votado, e saiu um não por um único voto.

– *E esse fato te marcou...*

– Me marcou bastante. Eu entrei na organização e a primeira coisa que me pediram para fazer foi votar para matar uma pessoa; olhei ao meu redor e vi pessoas pusilânimes, não como eu. É terrível quando você vota para matar uma pessoa. Quem é você? Você é obrigado a acertar as contas consigo mesmo. Algo não batia. Eu não saí do ETA, fiquei colapsado, mas não fui à Assembleia, era a quinta Assembleia, a primeira parte; mas um amigo meu, que era o chefe, me convidou: «Você deve ir, deve ir», assim fui à segunda parte da sexta Assembleia, e saí de lá com um pequeno cargo, suficiente para me fazer deixar os estudos, pois eu tinha me inscrito em Economia. Assim entrei para o ETA. No dia de *Corpus Christi* de '67 assaltamos uma alfaiataria, e no meio da ação, quando estávamos prestes a entrar na alfaiataria arrombando a vitrine, chegou a Guarda Civil e atirou em mim. Estavam a dois metros de distância, eu poderia ter morrido. Fugi para o monte e fiquei lá por três semanas. Em '69 formamos alguns grupos de revisão do ETA e propusemos que o ETA depusesse as armas e parasse de matar, porque em '68 tinha ocorrido uma coisa muito ruim; o companheiro que tinha assumido meu posto, porque eu tinha fugido, e aquele que eu tinha introdu-

zido ao ETA, eles dois mataram o primeiro guarda civil, José Pardines. Era 1968, eu estava em Paris, vejo tudo isso, me identifico com os mortos. Etxebarrieta morreu porque sacou o revólver e a Guarda Civil atirou nele. E eu pensei: «Eu é que deveria ter feito aquilo». Na verdade, eu vejo a mim mesmo como um assassino.

– *O que aquele período significou para você? Porque alguns anos depois, aqui no centro de San Sebastián, o ETA matou Gregorio Ordoñez, num restaurante.*

– Era '95, tinham passado 30 anos. Eu – para explicar a situação de Ordoñez – combatia contra o ETA a nível pessoal, com os meus alunos, mas nunca politicamente, publicamente. Fiz algo público quando mataram Ordoñez, que devia ser o prefeito de San Sebastián, o mais votado do Partido Popular; então fizemos uma Assembleia na Universidade, a primeira e única assembleia que já se fez na Universidade do País Basco. Jamais houve uma assembleia além dessa que fizemos no dia seguinte ao assassinato de Ordoñez. Savater é que contou isso, porque sua mulher estava lá conosco. Éramos cinco professores, e os cinco fomos ameaçados nas semanas seguintes. Mandaram-nos tripas de animais mortos.



– *Os Pentas dos ventos* de Eduardo Chillida, que mora lá em cima. Ele diz uma frase lindíssima. O oeste, o leste, o vento entra sempre por aí. Nós o chamamos de «vento galego». Chillida diz que o vento sempre tem de entrar penteado em San Sebastián. Olha, ali está San Sebastián. As partes só têm sentido no conjunto. Um pente, uma vassoura ou uma escova são um conjunto de pontas que só têm sentido juntas, como o humano.



– *Quebrando os ovos...*

– Vou preparar para você uma omelete de bacalhau. Tenho o bacalhau pronto com as cebolas.

– *O bacalhau já está dessalgado?*

– Primeiro o bacalhau é dessalgado e depois se acrescenta a cebola; e eu ponho um pouco de pimentão. Há gente que faz de outro jeito, mas agora você vai ver, vai comer uma omelete feita como Deus manda.

– *Voltemos ao livro. Você, que se dedicou por muito tempo à educação, visitou várias escolas de Comunhão e Libertação, e chamou a sua atenção o jeito delas de educar. O que chamou a sua atenção?*

– A educação... Nós eramos professores. A primeira surpresa foi que os professores de CL nunca se consideraram professores e não usam a palavra “professores”. Para eles, o ponto é educar. Há uma diferença entre educar e ensinar. O ensino pode ser transmitido por um robô. Educar é amar o aluno, e eu vi como o faziam. Eu vi o amor, a paixão, a entrega com que efetuavam tudo o que faziam. Eu vi num corredorzinho, na [escola] Kolbe ou na Newman, acho que foi na Newman: «Você é um presente». À criança que está aprendendo a falar, antes que a escrever, ensinam que é um presente. Sabe o que significa? Ensinam à criança que é um dom, que há outros que também são um dom, que há alguém que nos presenteia. Isso para eles é essencial. A criança... desta forma você pode explicar-lhe o que é a realidade... a primeira introdução dela à realidade, os primeiros passos que dá no mundo... já sabe que é destinatária de um presente. Essa coisa me deixou besta.

Eu uso pouco sal.

– *Eu também, porque aumenta a pressão.*

– Aumenta a pressão e abaixa a atenção, a *atención*, como nós dizemos em língua basca.

– *Outro tema que me impressiona é o da caridade. Quando você chega com o pessoal da Bocatas, uma ONG que cuida dos drogados na Cañada Real, na praça onde estão todos os drogados... Fui fazer uma reportagem naquele lugar, e é alucinante, porque muitos deles são como fantasmas. É de assustar...*

– Fiquei lá por duas horas, fui com Macario – ele nunca tinha ido, foi porque eu lhe pedi – e lhe disse: «Vamos embora daqui, esta é uma coisa absurda, o que estão fazendo aqui, a quem estão salvando?» O conceito de caridade que eu tenho é o de Max Weber, como eu digo no livro. Eu o peguei de *Economia e sociedade* – é um livro que conheço bem –, peguei o parágrafo em que diz que «a caridade é a distribuição de esmola às pessoas». Eu achava que a caridade fosse isso, distribuir esmola aos necessitados. E perguntei aos rapazes: «O que estão fazendo aqui, distribuindo lentilhas a essa gente?» Chega um homem negro, nem conseguia ficar de pé, andava com uma bengala, aqui estava a bancada, pegava do banco o leite e o punha na mochila, pegava um pacote de biscoitos e ia embora sem levantar a cabeça. Dizem: «Estamos aqui para nos esvaziarmos de nós mesmos». Dá muito que pensar. É preciso falar muito para entender o que significa esvaziar-se de si mesmo. Esvaziar-se significa estar disposto a ouvir dizerem qualquer coisa, e a não dizer nada. Você está lá para receber algo. Se não se esvazia, não recebe nada. Tem de se esvaziar dos seus preconceitos. Estávamos carregados de preconceitos, eu e você: «O que estamos fazendo aqui?»

- *Eu pensei a mesma coisa.*
- Isso é o preconceito, mas nós não temos de dar nada; você se esvazia de si mesmo. Fica lá, aguarda, são necessários. Jesus fez assim. Esvaziar-se significa estar disposto a ser amado. A que te deem alguma coisa, que te digam uma palavra. Eu sei que houve resultados na Cañada, alguns foram recuperados.
- *Mas muitas vezes não há resultados.*
- Não há resultados, na verdade salvaram duas dúzias de pessoas em 24 anos. Mas eles se salvaram. Eles se deram.
- *Vamos fazer a omelete?*
- Vou fazer umas ervilhas, aqui tenho o coelho. Esta panela é para as ervilhas.
- *Você vai com um grupo de famílias, com Ferrán. Você tinha ficado marcado com a educação, com a caridade, e de repente ficou marcado com a unidade que existia naquelas famílias.*
- Vejo que você está seguindo os capítulos do livro. Quando estávamos na horta eu queria dizer, e não disse, que o meu problema ao escrever esse livro é que eu queria mostrar que o que via me suscitava surpresa e muita emoção. Mas também queria mostrar por que é que eu não vi isso. Eu tinha de unir os diferentes momentos da emoção, do espanto, aquilo que chamei de “admiração”. Essa admiração, quais pontos temporais tem, porque passei dois anos...
- *Claro, é uma pesquisa longa...*
- Mas também causais. Você está me perguntando de coisas que me surpreenderam. Digo isso para que entendam a sua pergunta, talvez haja pessoas que não leram o livro e se perguntam: «Por que perguntou essa coisa?» Eu vi um monte de gente encontrar-se lá. Eu

era um deles. A primeira coisa que fizeram na Masía foi me pedir: «Conte-nos a sua vida. Conte-nos algo de você». Eu achava que fosse uma terapia de grupo. Não era uma terapia de grupo. Entendi o sentido de contar para eles. Isso eu entendi muito rapidamente, falando com eles. Não é uma terapia de grupo, é a terapia de Deus. Que terapia! Para explicar uma vida, o primeiro ponto é que você tem uma identidade. O Pequeno Polegar não conta sua própria história, outra pessoa é que conta, mas quando te dizem para contar, você conta a sua vida. O problema é de identidade, se você é capaz de contar um relato seu, unificado, desde a infância até agora. O grande problema da identidade, como a sociologia demonstrou, desde Sartre, é que a pessoa tem dificuldade...

– *Em manter uma continuidade na identidade.*

– Porque ele crê que é dono de si mesmo, que ele tem suas preferências, que ele é seu próprio líder e faz sempre o que lhe interessa, o que interessa aos seus desejos. E a cada momento muda, passando de uma coisa para outra. Todo mundo sabe disso perfeitamente. O problema é em primeiro lugar o que une a todas as nossas mudanças de comportamento num único eu, que todas essas diferenças de comportamento se atribuem a mim: este “eu” sou eu, e eu sou dono de mim e respondo por mim e pelo que fiz. E, segundo, eu posso fazer uma transição da infância à juventude e da juventude até este momento. E eu sou o mesmo. Eu sou eu mesmo, ainda que não seja o mesmo porque mudei.

– *Mas há uma continuidade do eu.*

– A continuidade está no fato de que eu sou o dono das mudanças do meu comportamento. Porque no fim o eu é isso, os comportamentos.

– *Não a abstração.*

– Eu vi isso perfeitamente lá. E vi porque o fazem; você percebe porque o fazem. Fazem porque Deus existe. É curioso, eu também vi isso num casamento; eu perguntei a um casal: «Entre vocês, marido e mulher, o que existe?» E me dizem: «Está Deus». Eu pedi explicações aqui e ali, e você vê que Deus é sempre o elemento que pode unir duas vidas.

– *Por que é que, a certa altura, enquanto está nessa batalha, você se lembra de Wittgenstein? Você estudou muito Wittgenstein, e no livro você cita um trecho dos Diários de Wittgenstein em que ele diz: «A não ser que Deus me visite». Por que você se lembrou de Wittgenstein enquanto estava no meio da luta?*

– Para mim, Wittgenstein foi uma das quatro ou cinco pessoas mais importantes do século XX. Um mestre. Tinha tudo. Deixou o dinheiro, deixou a fama, e foi a um povoado da Suíça para ensinar, era uma pessoa extraordinária. Os seus tratados, as reflexões filosóficas... Eu li três vezes, se não mais, *A beleza desarmada* de Julián Carrón e encontrei um parágrafo dos *Diários* de Wittgenstein: o que mais queremos é a redenção! Onde está? Mas, diz, estamos aqui, sentados à nossa mesinha, e entra luz da claraboia, um pequeno raio, você olha para ele, é um sinal do absoluto ao qual queria subir, mas eu fico concentrado nas coisas terrenas. E aqui paro, a não ser que Deus venha e me ilumine. Eu entendi a que é que Wittgenstein não se atreveu. Eu fui ver os seus *Diários* – tenho em casa – e pensei que no agnóstico sempre há um medo de descobrir a verdade. Prefere dizer: «Eu não sei, pode ser, mas... Que a luz venha até mim!» Não posso expressar um juízo sobre Wittgenstein, sobre seu fim, sobre onde ele está hoje.

Eu o admiro. Acho que ele não se deu conta de que era um agnóstico recalcitrante. Poderia ter dito: «E se eu subisse até a luz? Por que não subo esticando-me?» Eu acho que é o que eu quis fazer: subir até a claraboia e olhar. E eu vi vocês!

– *Você se deu conta de que não podia ficar parado.*

– Se tivesse feito como Wittgenstein, teria sido um repetidor. Eu sempre tento ir além.

– *A omelete de bacalhau está incrível!*

– A próxima vai ser melhor!

– *Há um momento em O abraço que me parece o mais fascinante de todos: você está diante dessa tribo que você está estudando, e num determinado considera plausível, possível, a hipótese de que o que está vendo seja consequência não só de Deus, mas de um Deus encarnado. Não dá por encerrada a questão admitindo que essas pessoas se comportam assim porque são parte de uma neurose coletiva ou porque sublimaram seus desejos; há um momento no livro em que você aceita a plausibilidade da hipótese. Como chegou a esse momento?*

– Você está se referindo certamente a um dos últimos trechos, em que faço uma espécie de cálculo: «Essa vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida dessa gente, a entrega dessa gente, a alegria dessa gente, esse estilo de vida como é possível?» Você pode ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como clarões, mas depois dão passos para trás. Mas você vê essas vidas, eu segui por dois anos essas vidas, essas pessoas (no livro são personagens, mas são pessoas), famílias, e sei que isso é impossível a não ser por um milagre. E é um milagre essa família, outro milagre aquela pessoa. Há milagres por toda parte. E isso é muito misterioso. O estilo de vida me leva a per-

guntar: «Por que esse estilo de vida?» Você pode ter um clarão durante um ou dois anos, mas a vida toda... Mas a sua vida, a vida seguinte, faz dois mil anos que há vidas como essas. Penso que os cristãos viveram por dois mil anos como vocês vivem, embelezando a humanidade, florescendo a caridade, o amor. Os sociólogos não falam disso porque não estão interessados. Não falam de Comunhão e Libertação ou de outros cristãos que eu não conheço, mas que existem, sei que existem porque os encontrei, em irmandades, fraternidades. Então você se pergunta. Poderia explicar uma vida, uma vida durante bastante tempo – não pela vida inteira –, mas explicar famílias, vidas, gerações fazendo o bem, sendo o bem, sendo boas... Há uma só explicação deste fato: que o que te dizem seja verdade, que a verdade seja realmente verdade em ação. A verdade é sempre operativa. A verdade produz vida. Esse estilo de vida é produzido por algo: dizem que é Jesus Cristo. Se eu preciso dessa vida, se é objeto de admiração para mim, tenho de olhar com admiração para o motor que move essa vida. E isso é tudo. Então se entende que esse motor foi humano. Deus feito homem. Só assim dá para entender. Eu fui professor de História Comparada das Religiões. Quero concluir com isto: os deuses que todos nós estudamos são abstrações. Nunca houve uma pessoa que tenha dito o que Jesus disse: «Perdoai-vos uns aos outros, amai-vos, visitai os doentes, dai de comer aos famintos, o outro é mais importante que tu, a vida não é para ser guardada, é para ser dada, e se procurardes conservá-la a perdereis». Não há em toda a humanidade – ao menos eu não encontrei, e imagine se eu não conheço as religiões, li centenas de volumes – alguém que tenha dito isso. E não é só que

Jesus o disse, é que essas pessoas são aqueles que O estão seguindo. E então você soma dois mais dois. E diz: «Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio». Em Deus eu não teria acreditado.

– *Por quê?*

– Porque Deus é uma ideia. A filosofia primeiro, a religião e a teologia depois, caíram na armadilha de reduzir Deus a uma ideia. Esta é a diferença. Não falamos de Deus. Falamos de um homem que era Deus, que nos ensina para onde temos de ir.

– *Lembro-me do dia em que você nos disse: «E se for verdade que Jesus ressuscitou?» Estava lutando com a veracidade daquele testemunho.*

– Há um momento em que você é obrigado a perguntar-se: «Como podem errar todos juntos ao mesmo tempo?» Também os inimigos sabiam. E não O conheciam. João e André andavam com Ele, mas não O conheciam. «Mas é o mestre!» Ficaram dois ou três anos com o mestre. A pessoa sairia tão transformada, depois! Isso é a ressurreição. Sabemos que existe a ressurreição. Ressuscitou e nos disse que vamos ressuscitar.

– *Mikel, obrigado por ter escrito O abraço. Obrigado por este momento de conversa, por tudo o que elaborou nos últimos anos.*

– Eu é que devo agradecer a vocês. Agradeço a você por ter estado no microfone nestes quatro, cinco, seis anos. Foi fulminante. Eu é que tenho de agradecer a você, Fernando. Aquelas transmissões nos trouxeram aqui. Nunca vou agradecer o bastante.

– *Eu é que nunca vou agradecer o suficiente o que significou encontrar você e aprender.*

Obrigado, Mikel.



Conclusão de Julián Carrón

Assim como Azurmendi, cada um de nós é convidado a *olhar* para o que acontece diante dos nossos olhos, para o que está acontecendo agora. Por que eu sinto isso como decisivo primeiramente para nós, para a estima que temos de ter por cada um de nós? Porque, se não olharmos para o que acontece, para o acontecimento de Cristo que acontece, se não o seguirmos, não podemos caminhar nem tampouco dar uma contribuição aos outros. É em relação ao Acontecimento que *ocorre agora* que a vida se joga. Todo o resto é impotente para mudá-la. Não podemos substituir o evento com uma explicação, com uma interpretação ou com uma doutrina. Isso seria só aumentar o nada! E, no fundo, por trás de tantas discussões está justamente o nada. Vê-se pelo fato de que não nos mudam e no fim nos cansam. Mas nenhuma discussão pode eliminar o que vimos acontecer em tantas pessoas neste verão.

É precisamente diante dos fatos que nós fazemos a verificação da nossa disponibilidade para olhar, para deixar-nos impressionar, como vimos em Azurmendi, como foi para todos aqueles que presenciaram a cura do cego de nascença, pois não há nada que possa desafiar mais o nosso niilismo, o nosso nada, do que o acontecer de um evento. Só «uma humanidade nova,

diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável [...] pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos». É o único fato «que pode ser ouvido como a um convite que fascina e liberta». ⁶ Só assim, como evento que acontece agora, na minha e na sua história, Cristo torna-se experimentável como esperança no presente, como algo que vence o presente e enche o futuro de esperança.

Nós o reconhecemos em muitos testemunhos deste verão. O que será que viu no grupo de peregrinos do Movimento vindos da Itália aquela mulher cristã palestina – ela o contou na Assembleia Internacional de Responsáveis –, que considerava seu nascimento na Palestina uma punição para si e para seus filhos, para decidir ficar na sua terra tendo desejado fugir por tantos anos? Ela fez um encontro que mudou seu julgamento, seu olhar para tudo. Que experiência fez a nossa amiga do Movimento gravemente doente, Xiao Ping, para tornar-se «o coração pulsante da comunidade» de Taipei? Até chegar a dizer: «Ultimamente tenho percebido que minha tarefa agora não é tanto aprender a enfrentar a dor ou a morte que se aproxima, mas usar o tempo que me resta para contar a todos o que encontrei». ⁷ Ela entendeu qual é a maior urgência do presente.

Como me escreveu uma de vocês: «Fico impressionada ao ler nas Laudes da quarta-feira: “Não recebestes um espírito de escravos para recair no temor. Onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”. Pois então, em quem vive essa experiência de libertação do medo e de liberdade se verá o “brilho dos olhos” que

⁶ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., pp. 101-102.

⁷ “Cartas”, *Passos*, n. 229, out. 2020, p. 2.

salva do nada». Como nas nossas duas amigas de Belém e de Taipei.

Qualquer que seja a face, quaisquer que sejam os traços da pessoa, pode até ser o último a chegar, «a autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração», dizia Dom Giussani – lembram-se da Jornada de Outubro do ano passado? –, ou seja, mostra que Cristo é verdadeiro e vence; e acrescenta: «O povo é guiado por isto»,⁸ não pelas conversas, pelas discussões ou pelos papéis que alguém assume!

Polito expressou a mesma coisa em termos leigos, a respeito das recentes explosões de violência juvenil, que revelam a verdadeira emergência como uma emergência educativa. O que pode responder a isso? Apenas «“mestres” capazes de tocar o ponto inflamado que há no coração e na mente de cada personalidade em formação, e felizes aqueles que uma vez na vida encontraram alguém assim».⁹

Tocar o ponto inflamado! Pode ter sido um sopro, diz Giussani: «Porque o Senhor também age à base de sopros. [...] Mesmo por meio de um sopro, [...] por um único momento, o homem percebe uma espécie de atração, uma sugestão, tem a intuição de algo mais bonito, mais correspondente, melhor»¹⁰, desperta-se nele uma admiração, como dizia Azurmendi. É aí, em relação a esse momento, que se trava toda a luta contra o niilismo, no estarmos disponíveis a identificar e

⁸ De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991). In: “Quem é este?”, *Passos-Litterae communionis*, n. 219, nov. 2019, p. 26.

⁹ A. Polito, “La violenza nichilista tra i giovani”, op. cit.

¹⁰ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 105.

seguir esse “sopro”. Portanto, tudo depende da nossa moralidade, da nossa disponibilidade, isto é, do nosso amor pela verdade.

A primeira condição do caminho – como vimos – é, pois, olhar. «O Evangelho – destacou Giussani em 1994 – [...] usa mais de 500 vezes o verbo “olhar” e só 150-180 vezes os verbos “crer”, “amar”, “seguir”». ¹¹

Olhar. «Tudo aqui?!» Entendo que para alguns possa parecer muito pouco, com todos os desafios que nos investem. Mas não era muito pouco para Dom Giussani, que sempre o sugeriu como a primeira e decisiva condição de um caminho verdadeiramente humano. Os mais velhos entre nós hão de lembrar-se de tê-lo lido no famoso Cartaz de Páscoa de 1992, aquele com o rosto do Marcelino: «A companhia te diz [...], sobretudo te diz: “Olha”. Porque em toda companhia vocacional sempre há pessoas, ou momentos de pessoas, para olhar. Na companhia, a coisa mais importante é olhar as pessoas». ¹²

Numa conversa de 1980 com Giovanni Testori, Giussani disse: «Eu não consigo achar outro indício de esperança que não seja a multiplicação dessas pessoas que sejam presenças. A multiplicação dessas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre essas pessoas». ¹³

A segunda condição é reconhecer – que é o florescimento do que já está implícito no olhar –. Reconhecer algo dentro de algo, como fez o nosso amigo Mikel

¹¹ L. Giussani, *Il tempo si fa breve*, Esercizi della Fraternità di Comunione e Liberazione. Appunti dalle meditazioni. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 24.

¹² “Cartaz de Páscoa, 1992, Comunhão e Libertação”. In L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*. Milão: Bur, 2014, p. 366.

¹³ L. Giussani; G. Testori, *Il senso della nascita*. Milão: Bur, 2013, p. 116.

depois de três anos de convivência com as pessoas do Movimento na Espanha. Mas para reconhecer é preciso uma *lealdade* de fundo, se não quisermos que valha para nós a amarga constatação de Jesus na parábola dos dois filhos, que vamos ler no Evangelho deste domingo. Quem fez a vontade do Pai? Aquele que reconheceu os fatos pelos quais se manifestava a vontade do Pai! «Então Jesus lhes disse: “[...] Os cobradores de impostos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus. Porque João veio até vós, num caminho de justiça, e vós não acreditastes nele. Ao contrário, os cobradores de impostos e as prostitutas creram nele. Vós, porém, mesmo vendo isso, não vos arrependestes para crer nele”».¹⁴

Tudo para Jesus está na disponibilidade a reconhecer o que acontece. Mas por que é necessária uma disponibilidade, uma lealdade? Porque «o Mistério, o destino comunica-se ao homem por meio de uma carne, por meio de uma realidade de tempo e de espaço, segundo uma modalidade física das coisas, segundo circunstâncias precisas, que mantêm toda a fragilidade e a aparente futilidade das circunstâncias naturais, como, aos olhos dos fariseus, se dava com Cristo, com sua família, com o que fazia, com o que dizia. O reconhecimento desse método chama-se fé, pois se trata da inteligência do homem que reconhece, na aparência determinada, uma grande presença. A questão é reconhecer na aparência naturalmente determinada a grande presença da origem [como vimos no testemunho de Mikel], da consistência última (“Tudo n’Ele consiste”), do destino. [...] Se não se torna circunstância precisa próxima de mim, o grande mistério da Igreja fica vazio

¹⁴ Mt 21,31-32.

e à mercê da minha interpretação, do meu sentimento, do meu capricho, da afirmação de mim».¹⁵

Como é que Cristo bate hoje à porta de cada homem, da sua e da minha humanidade?

«Como seria abstrato até mesmo o Jesus de André e João, se não se concretizasse agora – agora! –, neste momento, na Sua presença dentro do mistério de Seu corpo – dentro do mistério da Igreja –, que cada um de nós constrói “como pedra viva”, diz a Liturgia. [...] Mas, perguntemo-nos ainda: *como* é que esse corpo misterioso de Cristo (“misterioso” porque sua forma profunda escapa à nossa imaginação), essa Igreja viva, que é Seu corpo – como ele disse a São Paulo: “Saulo, Saulo, por que *Me* persegues?”, e Saulo jamais O tinha visto; ele perseguia os cristãos. E a voz de Cristo lhe diz: “Saulo, Saulo, por que *Me* persegues?” – *como*, portanto, é que esta realidade do mistério de Cristo se comunica ou, conforme a expressão do Apocalipse, “bate à porta” de cada homem chamado à fé? [...] Na vida da Igreja!» Dom Giussani continua: «Mas, quando a pessoa encontra uma face diferente das outras – uma face em que o mistério de Cristo e o pertencimento à Igreja mudam o jeito de olhar, de sentir, de tocar, o jeito de relacionar-se com as pessoas e as coisas – e fica boquiaberta a olhá-la, como João e André com Cristo, então é *uma ocasião particular, interessante*. O Espírito de Deus é livre para alcançar uma pessoa, ou outra pessoa, revestindo-a com uma facilidade em pensar cristãmente, com uma hila-

¹⁵ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2008, pp. 108-109. Traduzido em português em: Idem, “Na profundidade das coisas”, *Passos-Litterae communionis*, n. 73, jun. 2006, pp. 5-6.

ridade no sentir cristãmente, com uma generosidade no construir cristãmente, de modo que todos os que se aproximam dessa pessoa, de algum modo, são marcados. Pois bem! O modo extremo com que podemos ser marcados pelo permanecer de Cristo na história é aquele segundo o qual o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, nos faz encontrar alguém que, ao ser seguido, torna a fé mais clara, e a afeição à fé mais facilmente intensa, e a vontade de difundir o Reino de Cristo mais consciente e mais facilmente criativa. Isto se chama *carisma*: é o *acontecimento do carisma*.¹⁶

Nós estamos aqui por isso, pelo «acontecimento do carisma»; estamos aqui devido a esse acontecimento «vivo», «hoje», como nos demonstram o testemunho de Azurmendi, o das amigas de Belém e de Taipei, o de muitos outros que não citei e o daqueles que todos nós podemos ter diante dos olhos; se fosse «ontem», já não seria acontecimento e não teria a capacidade de atrair-nos, de mudar-nos. Porque «fora deste “agora” não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade». ¹⁷ Se esse acontecimento não se desse hoje, não estivesse vivo, só nos restaria nas mãos a doutrina, uma doutrina extraordinária, mas ainda uma doutrina. E nenhuma doutrina é capaz de vencer o niilismo que “devora” a alma.

«Caro Julián, nestes tempos tenho me perguntado: o carisma de Giussani é algo vivo ou uma doutrina morta? Se fosse o segundo caso, estaríamos numa situ-

¹⁶ L. Giussani, *Il tempo si fa breve*, op. cit., pp. 35-36.

¹⁷ L. Giussani, “Cartaz de Páscoa, 2011, Comunhão e Libertação”, *clonline.org*.

ação parecida com a verificada após a morte de Hegel: haveria apenas o debate entre os “velhos” e os “jovens” hegelianos, o jogo das suas interpretações. Eu estou há quarenta e sete anos no Movimento e há quarenta no Grupo Adulto; e meu coração ainda dispara quando me lembro de como fui salva várias vezes do abismo do terrorismo e do fascínio obscuro pelo niilismo, graças à comovente racionalidade de Dom Giussani. Mas meu coração dispara igualmente agora, quando você transforma em mim a tensão para o nada em desejo de vida, “elevando o nível”, com um amor à minha vida e à vida dos pobres desesperados deste mundo, com uma afeição que colhe o coração esquecido e dilacerado dos homens e o chama a ser um eu. O cristianismo é uma teoria ou o advento do amor de um pai também hoje, nesta cultura que leva garotos de dezoito anos a suicidar-se sem um motivo aparente (como aconteceu com um querido aluno meu)? Tenho uma irmã de quase setenta anos, abandonada pelo marido há mais de trinta anos, sem filhos, que combateu um tumor e agora sofre de Parkinson. Ela leu muitíssimo, de Marx a Husserl, de Tolstói a Barthes, de Simenon a Borgna. Alguns dias atrás me falou de *O brilho dos olhos* como um livro importante para sua vida, e quando lhe perguntei o motivo, respondeu-me: “Porque me fez descobrir o que eu sempre escondi de mim mesma: meu niilismo. E agora quero seguir em frente”. Um sinal da presença do carisma de Dom Giussani hoje, para mim, é justamente essa inteligência amorosa da tragédia do nosso século, porque, no mesmo instante em que você nos faz assumir a consciência da falta de sentido que nos domina, reacende em nós a consciência de sermos filhos».

Nós abordamos essas coisas no capítulo 6 de *O brilho dos olhos*, particularmente nos três primeiros parágrafos. Vocês poderão revisitar aquelas páginas, que serão o objeto do nosso trabalho de Escola de Comunidade nas semanas de novembro.

«Todavia, não é suficiente que haja essa paternidade presente, é preciso que eu esteja disponível a deixar-me gerar por ela. Da disponibilidade a sermos filhos depende toda a fecundidade da nossa vida. “É aquilo que Jesus disse a Nicodemos: ‘É preciso que tu nasças de novo.’” [...] Quem aceitar segui-Lo, tornando-se filho, vai surpreender-se com a novidade que começa a acontecer em sua vida».¹⁸

São os votos que fazemos neste ano que começa, dramático e belo.

Esperamos que o Pai nos ache disponíveis a seguir o que aconteceu em Dom Giussani e que continua acontecendo graças ao método constantemente ressaltado por ele – ninguém gera se não é gerado –, porque era o Espírito quem agia nele e através dele. Cada um de nós se sinta pessoalmente responsável por essa disponibilidade. Sejamos amigos, atentos a sustentar-nos no «sim» que cada um de nós é chamado a dizer a Cristo, um olhando pelo destino do outro!

¹⁸ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., pp. 134-135.

